



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v17i2.68668>

Revista Trágica

Volume 18 - Número 02 ISSN 1982-5870

Do pessimismo prático à morte racional: a viagem a Sorrento à luz do suicídio¹

From practical pessimism to rational death: the trip to Sorrento in the light of suicide

Lucas Pires Ramos  

Bacharel e Licenciado em Filosofia pela UNICAMP.

Mestrando em Filosofia pela mesma universidade.

Campinas, São Paulo, Brasil. Contato: lucaspiresramos@gmail.com

Resumo: O presente trabalho visa destacar a mudança de postura de Nietzsche em relação ao “suicídio” a partir de sua viagem a Sorrento. Enquanto o professor de filologia se concentrava sobretudo no “pessimismo prático” e em como combatê-lo, seja no caso do homem artístico ou do teórico alexandrino, o filósofo Nietzsche, ao romper com a metafísica de seus antigos mestres, ao retomar suas anotações sobre “suicídio” que não haviam sido publicadas e ao vivenciar ele mesmo alguns anseios suicidas, desloca o ponto central da problemática: em vez de promover a fuga do “pessimismo prático”, pautando-se na conservação da vida a todo custo, dever-se-ia tentar encará-lo diretamente, não mais apenas aguardando a “morte natural”, mas possibilitando uma atividade no morrer, sua consumação a partir de uma decisão racional.

Palavras-chave: Suicídio; Pessimismo Prático; Sorrento; Nietzsche.

Abstract: The present work aims to highlight Nietzsche’s change of stance regarding “suicide” starting from his trip to Sorrento. While the professor of philology concentrated above all on “practical pessimism” and how to combat it, whether in the case of artistic human being or the Alexandrian theoretician, the philosopher Nietzsche, by breaking with the metaphysics of his former masters, revisiting his unpublished notes on “suicide” and personally experiencing some suicidal longings, shifts the central point of the problem: rather than promoting an escape from “practical pessimism”, based on preserving life at all costs, one should instead attempt to confront it directly, not waiting for “natural death”, but enabling an activity in dying, a consummation through rational decision.

Key-words: Suicide; Practical Pessimism; Sorrento; Nietzsche.

¹ O presente trabalho foi elaborado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2023/04901-4. Agradeço-a, porém, não apenas pelo apoio dado, mas também pelo atual apoio (Processo nº 2024/16313-2), bem como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por apoiar o início do mestrado, através do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX).

Introdução

Há muito já se sabe sobre a importância que a viagem a Sorrento tem para a filosofia de Nietzsche. No entanto, um aspecto específico desta viagem foi pouco enfatizado pelos pesquisadores, para não dizer negligenciado, a saber, a mudança decisiva da postura de Nietzsche em relação ao suicídio. Em obras publicadas e em obras póstumas, encontramos até a viagem a Sorrento toda a concentração de Nietzsche, no que diz respeito a essa temática, voltada ao que ele chama de “pessimismo prático”, um tipo específico de suicídio decorrente de uma visão pessimista de mundo, por não suportar viver uma vida cruelmente sem sentido. Embora o autor tivesse feito uma ou outra anotação que abre margem para outras noções de suicídio, estas apenas se farão presentes publicamente em *Humano demasiado Humano*, primeiro livro publicado por Nietzsche após a viagem a Sorrento, na qual, não apenas por sua débil condição de saúde, mas também por suas novas reflexões, o autor esteve à beira de pôr fim a sua própria vida. É neste livro que, na contramão do que foi abordado em seus escritos anteriores e retomando algumas anotações particulares, Nietzsche defende pela primeira vez a prática do suicídio em oposição à tentativa de conservar a vida a todo custo. Essa nova postura não é fruto apenas de antigas reflexões do autor, mas também uma resposta à difícil condição em que ele próprio se encontrava: não que todo tipo de suicídio deve ser incentivado, mas também que nem todo tipo deve ser impedido.

A fim de mostrarmos como a viagem a Sorrento é determinante para a nova postura de Nietzsche frente ao suicídio, que se faz presente a partir de *Humano*, começemos (1) analisando a presença desta temática em suas reflexões e escritos anteriores a ela, enfatizando o papel exercido pelo “pessimismo prático”. Em seguida, (2) acompanhemos sua viagem a Sorrento à luz sobretudo de suas novas reflexões, decorrentes do rompimento com Wagner e Schopenhauer e de suas novas influências, do agravamento de sua saúde e de seus próprios anseios suicidas. Por fim, (3) vejamos sua defesa do suicídio racional e a defendamos como contraposição tanto ao pessimismo prático quanto à morte natural.

1. A temática do suicídio antes de Sorrento

Os primeiros momentos em que o termo “suicídio” aparece nos escritos de Nietzsche, conforme pesquisas na *Nietzsche-source*², podem ser encontrados em algumas de suas cartas durante os anos de 1866 e 1867, dentre as quais, no entanto, apenas a terceira apresenta certa relevância³. Nela, Nietzsche relata a Carl von Gersdorff sobre “o

² Para a realização da pesquisa, diversos termos e expressões que dizem respeito ao tema do “suicídio” foram pesquisados na *Nietzsche-source*: *Suizid*; *Selbsttödtung*; *Euthanasie*; *Selbstmord* e seus derivados (*Selbstmorde*, *Selbstmordes*, *Selbstmords*, *Selbstmordemanie*, *Selbstmörder*, *Selbstmörders*, *selbstmörderisch/e/en/em/es*); *das praktische Pessimismus* e seus derivados (*praktisch/e/en/em/es Pessimismus*); *der freiwillige Tod* e seus derivados (*freiwillig/e/en/em/es Tod/t/e*); *der freie Tod* e seus derivados (*frei/e/en/em/es Tod/t/e*); algumas expressões como *sich das Leben nehmen*, *sich umbringen*, *sich töten*, *aus dem Leben scheiden*; e “suicídio” em outros idiomas.

³ Na primeira, em um rascunho fragmentário de carta, Nietzsche escreve para alguém que nos é desconhecido sobre a “entusiasmada mania suicida” a que os ingleses são levados pelas “tardes turvas, sombrias e nevosas”, mas não desenvolve o assunto (Rascunho de carta a um desconhecido de 1866 ou 1867;

infeliz suicídio de Kretzschmer em Schulpforta”, um de seus antigos professores que era “adepto de Schopenhauer”⁴. Esse comentário, no entanto, não é fortuito. Aos olhos de Nietzsche, seja de maneira mais distante ou seja como “causa do mesmo”, a filosofia de Schopenhauer está relacionada a esse acontecimento. Não nos interessa, porém, tentar apresentar uma relação causal entre o fato de Kretzschmer ser um schopenhaueriano e o seu suicídio, nem mesmo tentar justificar se o próprio Nietzsche teria realmente cogitado isso na ocasião. Parece-nos mais pertinente apenas destacar, como faz Stellino, que “[a] confrontação filosófica de Nietzsche com o suicídio começa com Schopenhauer”⁵.

Um segundo período, breve, mas relevante, a que podemos nos atentar, inicia em 1869 e finda em 1870, durante o qual o suicídio começa a ser abordado sobretudo à luz dos gregos e no campo estético, preludiando em alguma medida as reflexões de *O Nascimento da Tragédia*⁶. No entanto, não podemos negligenciar, nesse mesmo período, ao menos duas tentativas de refletir sobre essa temática para além do escopo estético, as quais devem ser lidas como contraposições parciais à filosofia de Schopenhauer, uma vez que “Nietzsche critica a refutação filosófica de Schopenhauer do suicídio ao mesmo tempo em que compartilha sua metafísica da vontade”⁷.

“O suicídio não deve ser contestado filosoficamente”, defende Nietzsche, pois “[e]le é o único meio de se livrar dessa atual configuração da vontade”⁸. Primeiro, diminuindo o peso do suicídio, Nietzsche questiona: “Por que não deveria ser permitido descartar aquilo que o acontecimento mais casual da natureza pode destruir em um minuto?”. “Caso o suicídio também seja apenas um experimento! Por que não!”. Em seguida, favorecendo esse mesmo ato, ele escreve: “Um sopro de ar frio pode ser mortal: o humor que descarta a vida não é ainda mais racional do que tal sopro de ar? Não é a estupidez absoluta que a descarta”. Com a fragilidade da vida, Nietzsche se opõe ao espanto diante de um suicida; e com a racionalidade do ato de fazer-se morrer, ele inclusive sugere uma maior estima a ele em comparação com aquele que se deixa morrer. Não é por isso, no entanto, que Nietzsche defenda a naturalidade desse ato. Para ele, através de seus deveres e agradecimentos — “laços da vontade onipotente” — a própria

KGB 1.2, p. 189). Na segunda, Nietzsche informa seu amigo Hermann Muschacke que, numa outra oportunidade, lhe contará sobre como um texto de Lachmann “provém do interior da Rússia e da herança de um suicida” (Carta de 4 de abril de 1867 a Hermann Mushacke; KGB 1.2, p. 191).

⁴ Carta de 24 de novembro e primeiro de dezembro a Carl von Gersdorff; KGB 1.2, p. 239.

⁵ STELLINO, Paolo. *Philosophical Perspectives on Suicide*, p. 124.

⁶ Além de aparecer junto a outros temas do interesse de Nietzsche (Fragmento Póstumo 1 [110] do outono de 1869; KGW 3.3, p. 39), o suicídio está presente em três outros momentos para se pensar as expressões artísticas gregas. Em suas reflexões sobre as similaridades e diferenças entre o drama e a epopeia, ele anota: “o auto-esquecimento é pressuposto para ambas as artes, em uma pela mais forte atividade da fantasia, na outra pela mais forte atividade do ânimo”, mas enquanto o drama entoa produtivamente a vontade, a epopeia entoa a intuição, o que poderia ser percebido ao fazer uma comparação entre “a narração e a intuição pessoal de um suicídio” (Fragmento Póstumo 2 [15] do inverno de 1869-70/primavera de 1870; KGW 3.3, p. 48). Nesse mesmo âmbito, Nietzsche escreve em uma outra anotação que “é necessária a contemplação de catástrofes”, tal como o suicídio, para que se compreenda “os experimentos da consciência, o fato da tragédia e o seu abalo — em sua repercussão sobre a obra de arte” (Fragmento Póstumo 5 [88] de setembro de 1870/janeiro de 1871; KGW 3.3, p. 120). E, por fim, chega até mesmo a afirmar que “o verdadeiro sinal de saúde é a bela morte, a eutanásia”, “o elemento característico dos tipos de composição e artes gregas” (Fragmento Póstumo 3 [6] do inverno de 1869-70/primavera de 1870; KGW 3.3, p. 60).

⁷ STELLINO, Paolo. *Philosophical Perspectives on Suicide*, p. 125.

⁸ Fragmento Póstumo 3 [5] do inverno de 1869-70/primavera de 1870; KGW 3.3, p. 59-60.

natureza cuida para que o suicídio não seja cometido, embora ainda alguns o façam “pelo puro conhecimento do ‘tudo é em vão!’”. Em outras palavras, embora o suicídio seja “inatural” em certo sentido, ele calha de ser cometido racionalmente, quando se constata que nada tem sentido, o que será mais bem desenvolvido por Nietzsche justamente com a noção de “pessimismo prático”.

Na outra anotação do período, Nietzsche reflete sobre a relação dos ascetas com o suicídio, dado que “[n]ão se pode passar por cima da vontade”⁹. “Suicídio? (Possível apenas pelo embriagamento ou pela negação da consciência?)”. Sua intenção, no entanto, não seria o não-ser, mas um ser feliz. “O suicídio é possível apenas na aspiração do ser feliz. Não se deve pensar no não-ser”. Essas reflexões sobre a vida ascética, no entanto, terminam por precisar ainda mais a questão da naturalidade do suicídio, mencionada na anotação anterior. Segundo Nietzsche, “as direções ascéticas são o mais altamente contra a natureza e na maioria das vezes são apenas a consequência da natureza atrofiada”. Em outras palavras, não é como se o suicídio, neste caso, fosse uma ação “inatural” propriamente dita, mas “natural” para determinado tipo de “natureza”, a saber, a “atrofiada”. De maneira ainda bastante basilar, mas já presente, podemos visualizar aqui um dos pontos centrais para se pensar sobre o suicídio na filosofia nietzscheana: as condições fisiopsicológicas que incentivam ou impedem o suicídio — presentes, em certo sentido, em *Humano* através da noção de “temperamento”.

Se fôssemos seguir cronologicamente as anotações e os escritos de Nietzsche, deveríamos agora nos atentar ao período de 1870 a 1871, marcado, no que diz respeito à temática do suicídio, sobretudo por *Sócrates e a Tragédia Grega*. No entanto, uma vez que suas considerações sobre o suicídio são basicamente as mesmas daquelas encontradas em *O Nascimento da Tragédia*, com poucas reformulações, parece-nos mais pertinente abordarmos diretamente o texto publicado em 1872. Nele, o suicídio aparece uma vez para referenciar o suicídio de Nausicaa¹⁰, uma para se referir ao costume de certo povo¹¹ e duas vezes em sentido figurado: como suicídio da tragédia, uma vez que ela mesma se leva ao fim¹²; e como procedimento suicida de Eurípedes, por concluir sua carreira glorificando seu adversário, Dioniso¹³. Apesar de Nietzsche empregar aqui poucas vezes esse termo, a temática do suicídio permeia todo plano de fundo desta obra. Nela, encontramos três diferentes maneiras de prender-se à vida, cada qual correspondente a uma modalidade histórica de cultura: pelo “véu de beleza da arte” (cultura artística, helenística); pelo “consolo metafísico de que, sob o turbilhão dos fenômenos, continua fluindo indestrutivelmente a vida eterna” (cultura trágica, budista); e pelo “prazer socrático do conhecer” e pela “loucura de poder curar por seu intermédio a ferida eterna da existência” (cultura socrática, alexandrina)¹⁴. Somos apresentados, portanto, a três

⁹ Fragmento Póstumo 3 [91] do inverno de 1869-70/primavera de 1870; KGW 3.3, p. 84-85.

¹⁰ *Die Geburt der Tragödie* (KGW 3.1), §12, p. 79.

¹¹ *Ibidem*, §15, p. 96.

¹² *Ibidem*, §11, p. 71. O suicídio da tragédia já havia antes aparecido em uma anotação do começo da década de 1870: “[a] tragédia morreu, como disse, por suicídio” (Fragmento Póstumo 7 [124] do fim de 1870/abril de 1871; KGW 3.3, p. 188).

¹³ *Die Geburt der Tragödie*, §12, p. 78.

¹⁴ *Ibidem*, §18, p. 111-112.

diferentes maneiras culturais de lidar com o sofrimento, isto é, de evitar o suicídio: os deuses olímpicos, a tragédia ática e a ciência socrática.

O que se evita nesses três casos não é, porém, todo e qualquer tipo de suicídio, mas especificamente o que Nietzsche nomeia de *pessimismo prático*¹⁵. De modo sumário, podemos tomar essa expressão como um ato suicida decorrente de uma visão pessimista de mundo, na qual não apenas não se encontra sentido para o sofrimento, mas tampouco forças para dotá-lo de sentido por si mesmo. Não é nada senão aquele tipo já comentado de suicídio cometido “pelo puro conhecimento do ‘tudo é em vão!’”¹⁶. Em *O Nascimento da Tragédia*, no entanto, Nietzsche coloca esse conhecimento numa posição muito mais basilar; ele já aparece expresso na sabedoria do deus Sileno, contada a um rei apenas após muita insistência: “Por que me forças a te dizer o que te é mais profícuo não ouvir? O melhor de tudo para ti é completamente inalcançável: não ter nascido, não *ser*, *nada* ser. O segundo melhor para ti, porém, é morrer em breve”¹⁷. O que Nietzsche enfatiza, no entanto, não é tanto essa prática pessimista, mas as maneiras de combatê-la. Ao se cobrir com o manto artístico em geral — arte, religião ou ciência —, o ser humano altera sua relação com o que existe, impedindo que se derive do contato cru com o dionisiaco alguma prática pessimista, alguma ação suicida decorrente do sofrimento e da injustificabilidade da vida. É sobretudo nesses termos que podemos compreender a estima do jovem Nietzsche pela arte; com ela, pode-se impedir esse tipo de suicídio e suportar a vida.

No que diz respeito à temática do suicídio, será a noção de pessimismo prático que caracterizará as reflexões de Nietzsche em suas obras publicadas ou escritos póstumos até a viagem a Sorrento, sobretudo para se pensar a condição do homem inartístico, do teórico alexandrino, que, desesperado, busca refúgio no trabalho. Em *Sobre o Futuro de nossos Estabelecimentos de Ensino*, Nietzsche narra a trajetória de um jovem estudante que, carente de instintos artísticos e de um guia, é levado a uma situação insuportável consigo mesmo, pois “repentina e instintivamente se persuadiu da ambiguidade da existência e porque perdeu o solo firme das opiniões tradicionais nutridas até então”¹⁸, “ele sente que não pode conduzir a si mesmo, ajudar a si mesmo: então, pobre em esperança, mergulha no mundo do dia a dia e do trabalho cotidiano”¹⁹. Ainda em 1872, retomando uma anotação de 1871²⁰, Nietzsche escreve em seus *5 Prefácios para Livros Não Escritos*: “Dessa luta pela existência”, desse “esforço inevitável do trabalho de milhões” em que se encontra “o impulso de existir a qualquer preço”, “podem surgir apenas aqueles que imediatamente voltam a se ocupar da cultura artística por meio de nobres quimeras, para

¹⁵ O primeiro registro sobre o “pessimismo prático”, assim escrito, aparece em uma anotação que aparecerá, com poucas reformulações, em *O Estado Grego dos 5 Prefácios Para Livros Não Escritos*. Em seguida, ele se faz presente em *Sócrates e a Tragédia Grega* quase que identicamente a em *O Nascimento da Tragédia*. Uma anotação, no entanto, talvez seja ainda mais basilar do que essas: “A tragédia é o poder de cura da natureza contra o dionisiaco. Deve-se deixar *viver*: portanto, é impossível o puro dionisismo. Pois o pessimismo é prático e teoricamente ilógico. Porque a lógica é apenas a $\mu\eta\chi\alpha\nu\acute{\eta}$ da vontade” (Fragmento Póstumo 3 [32] do inverno de 1869-70/primavera de 1870; KGW 3.3, p. 69).

¹⁶ Fragmento Póstumo 3 [5] do inverno de 1869-70/primavera de 1870; KGW 3.3, p. 60.

¹⁷ *Die Geburt der Tragödie*, §3, p. 31. Ainda podemos aproximar outro conceito do “pessimismo prático” que, no entanto, foge do escopo deste artigo, a saber, o “niilismo suicida”, apresentado em *A Genealogia da Moral*.

¹⁸ *Ueber die Zukunft unserer Bildungsanstalten* (KGW 3.2), “Fünfte Rede”, p. 234.

¹⁹ *Ibidem*, p. 236.

²⁰ Fragmento Póstumo 10 [1] do começo de 1871; KGW 3.3, p. 351.

que não caíam no pessimismo prático, que a natureza abomina como sendo a verdadeira antinatureza”²¹. Dado que Nietzsche tem em vista sobretudo o homem alexandrino, não nos surpreende que ele escreva, em meados do ano seguinte, em *Sobre a Verdade e a Mentira em Sentido Extramoral*, que o pesquisador precisa construir “seu abrigo junto à torre da ciência, para poder auxiliá-lo e encontrar, ele mesmo, amparo sob o baluarte à sua disposição”, uma vez que “há forças terríveis que lhe irrompem constantemente e que opõem às verdades científicas ‘verdades’ de um tipo completamente diferente com as mais diversas espécies de emblemas”²². Esse tipo de homem, Nietzsche escreve meses depois em sua *Primeira Extemporânea*, “trabalha de forma tão dura quanto a quarta classe, a classe escrava, seu estudo não é mais uma ocupação, mas uma necessidade”²³.

Embora no começo de 1874, na *Segunda Extemporânea*, o suicídio apareça em meio à crítica de Nietzsche à *Filosofia do Inconsciente* de Hartmann, segundo o qual, em vez de suicidar-se, dever-se-ia abandonar a vida e as dores para o processo do mundo²⁴, a preocupação central ainda gira em torno da fuga do homem alexandrino do pessimismo prático por meio do trabalho incessante. É de nosso conhecimento, escreverá Nietzsche ainda no mesmo ano, em sua *Terceira Extemporânea*, “como nós mesmos nos entregamos, do modo mais ardente e irrefletido, ao trabalho mais pesado do dia, como se fosse necessário para viver: porque isso nos parece mais necessário para não chegar à reflexão”²⁵. Em vez do trabalho, a arte poderia se opor ao pessimismo prático: “Existe uma única esperança e uma única garantia para o futuro do humano: ela consiste em que o estado de alma trágico não pereça”²⁶. Mas isso não diz respeito ao homem teórico; não é a ele que Wagner se dirige²⁷, comenta Nietzsche em sua *Quarta Extemporânea*, em meados de 1876.

Nos fragmentos póstumos, no entanto, não é a noção de pessimismo prático que predomina. Antes da viagem a Sorrento, a temática do suicídio aparece ainda quatro vezes em suas anotações: duas em 1875 e duas em 1876. Referente a 1875, a primeira aparece apenas como um tema interessante dentre outros “pontos selecionados da antiguidade”²⁸. A segunda, no entanto, é muito mais detalhada e profunda: trata-se das anotações de Nietzsche sobre o livro *Der Werthe des Lebens* (*O valor da Vida*), de Eugen Dühring. Dentre os vários elementos que poderiam ser analisados detidamente, três em particular nos chamam a atenção. Primeiro, uma certa inocência do suicídio quando comparado com um sufocamento da essência da espécie ocasionado pela abstração das paixões presente sobretudo na ascese, onde “é negado tudo o que é concedido à vida”, onde o homem “se torna um monstro repugnante” e onde se volta “contra todo o

²¹ *Fünf Vorreden zu fünf ungeschriebenen Büchern* (KGW 3.2), “Der griechische Staat”, p. 259. Na anotação de 1871, essa última oração subordinada encontra-se um pouco modificada: “enquanto condição que a natureza abomina ao máximo” (Fragmento Póstumo 10 [1] do começo de 1871; KGW 3.3, p. 351). É interessante destacar que é retomada a noção de “natural” e “inatural” presente naqueles fragmentos de 1869.

²² *Ueber Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne*, (KGW 3.2), II, p. 380.

²³ *Unzeitgemässe Betrachtungen I: David Strauss der Bekenner und der Schriftsteller* (KGW 3.1), §8, p. 198.

²⁴ *Unzeitgemässe Betrachtungen II: Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben* (KGW 3.1), §9, p. 312. Em uma anotação do período, Nietzsche toma a meta hartmaniana de “conduzir a humanidade à esnobice” como um “suicídio geral” (Fragmento Póstumo 29 [52] do verão/outono de 1873; KGW 3.4, p. 258).

²⁵ *Unzeitgemässe Betrachtungen III: Schopenhauer als Erzieher* (KGW 3.1), §5, p. 375.

²⁶ *Unzeitgemässe Betrachtungen IV: Richard Wagner in Bayreuth* (KGW 4.1), §4, p. 67-8.

²⁷ *Ibidem*, §9, p. 110.

²⁸ Fragmento Póstumo 5 [36] da primavera/verão de 1875; KGW 4.1, p. 126.

conteúdo” da vida²⁹. Segundo, a relação entre tarefa e o momento oportuno de morrer. “A morte mais difícil é a de idade amadurecida; com dor pela tarefa incompleta, com cuidado com os familiares que ficam. É a *extemporaneidade*³⁰, o que torna aqui a morte tão amarga”³¹. Terceiro, a defesa da morte voluntária. “A morte voluntária não precisa encerrar em si nenhuma condenação da vida. O amor à vida é o mesmo que dá preferência à perda da existência do que ao sentimento de ausência de uma ausência essencial”. Afinal, “[q]uem prefere sofrer pela morte a [sofrer] pela dor da honra ou do amor perdido, concede a um elemento singular da vida uma tal importância a fim de considerar a perda do mesmo exatamente como a perda da vida”. Mas isso não significa que ela seja sempre uma grande ação. “A morte voluntária pode ser uma grande ação ou ser a expressão de uma miséria completamente geral ou de uma distorção repugnante”; depende do motivo pelo qual ela é realizada³².

Já em 1876, temos, primeiro, uma anotação relacionando novamente suicídio e ascese, embora sucinta e incompleta: “A ascese sob a consideração geral do suicídio, assim como o sacrifício não egoísta”³³. É, porém, a segunda anotação do período que nos chama atenção. Nela, Nietzsche enfatiza o papel da produtividade para se impedir o suicídio: considerando a vida sem produtividade como “indigna e insuportável”, Nietzsche compreende que é pela ausência de produtividade ou pela fraca produtividade que as pessoas “refletem sobre a libertação da vida, da qual entendo não apenas o suicídio, mas cada libertação sempre mais completa das ilusões da vida”³⁴. Embora sejamos levados, à princípio, a compreender essa passagem à luz do homem alexandrino, para o qual a vida é insuportável sem trabalho, sem estar em incessante produção, não devemos resumi-la a isso. Não apenas podemos ver certo eco da “tarefa” comentada por Dühring, mas também um forte elemento pessoal, pois o próprio Nietzsche, como veremos, não estava conseguindo realizar na época seu trabalho na Basileia devido ao agravamento de sua saúde. Parece-nos adequado, portanto, considerar as anotações de Nietzsche sobre o suicídio não apenas em vista de seus contatos teóricos e reflexões, mas também em vista de suas próprias vivências pessoais.

²⁹ Fragmento Póstumo 9 [1] do verão de 1875; KGW 4.1, p. 214-215.

³⁰ Embora, nos estudos nietzschianos, acostumou-se a relacionar “extemporâneo” a *unzeitgemäßig*, parece-nos pertinente nos servirmos de seu substantivo correlato para traduzir aqui *Unzeitigkeit*. Tal como “extemporâneo”, *unzeitig* diz respeito ao que se encontra em um tempo deslocado. Não se trata, todavia, de algo “atemporal”, como se fosse alheio ao tempo, mas de algo que, embora tenha “seu” tempo, não ocorre nele. Daí também a possibilidade de traduzir *unzeitig* como “inoportuno” ou, em inglês, como *unseasonable*.

³¹ Fragmento Póstumo 9 [1] do verão de 1875; KGW 4.1, p. 239.

³² *Ibidem*, p. 240-241. A partir destas anotações, no entanto, não devemos apressadamente concluir que Nietzsche tomou de imediato para si as reflexões de Dühring, uma vez que estas anotações expressam os pensamentos desse último, não precisamente as concordâncias e discordâncias do primeiro. Seria equivalente a pressupormos que Nietzsche, nesse período, entenderia o ressentimento como Dühring o entende, simplesmente porque anotou suas considerações a esse respeito no anexo de seu livro. Trata-se, portanto, mais de apresentar o contato teórico que Nietzsche teve do que exatamente insinuar que ele desde então começou a defender tais argumentos, embora seja plenamente possível relacionar a futura postura de Nietzsche diante do suicídio com as considerações de Dühring.

³³ Fragmento Póstumo 16 [6] de 1876; KGW 4.2, p. 384.

³⁴ Fragmento Póstumo 18 [8] de setembro de 1876; KGW 4.2, p. 412.

2. Viagem a Sorrento: condições e reflexões

Ao menos desde abril de 1875, o estado de saúde de Nietzsche piora expressivamente. Sob ameaças de desistir de sua docência, Nietzsche convence sua mãe a deixar sua irmã, Elisabeth Nietzsche, viajar até a Basileia para cuidar dele³⁵. Assim, durante todo o restante do ano, Nietzsche se preocupa com sua saúde, buscando médicos, tomando medicamentos e adotando severas dietas que, entretanto, não tiveram qualquer resultado duradouro. No começo de 1876, devido à sua débil saúde, Nietzsche pede à secretaria de educação para que ele tenha menos aulas no *Pädagogium*, indica um substituto para seu cargo e desiste de suas preleções já planejadas³⁶. Em maio, ele faz o pedido de um ano de licença da universidade, que é aceito para ser iniciado no mês de outubro do mesmo ano. Nesse ínterim, porém, Nietzsche não ficou em pleno repouso: ele ainda consegue publicar sua *Quarta Extemporânea*, em que defende Wagner e seu empreendimento, e participar do evento wagneriano tão aguardado por ele em Bayreuth, com o qual, no entanto, ele se frustra completamente. Acrescenta-se, assim, à sua debilidade física, uma grande frustração espiritual. Com o retorno de sua viagem, não era mais apenas de suas dores, mas também de seu rompimento espiritual com Wagner, que Nietzsche buscava refúgio. É assim que se dá início, em outubro, a hospedagem de quase meio ano na *pension allemande*, localizada na Vila Rubinacci da cidade de Sorrento, na Itália, compartilhada por Nietzsche, Malwida von Meysenbug, Albert Brenner e Paul Rée.

Em Sorrento, a condição de Nietzsche era muito instável: suas melhoras eram quase que imediatamente seguidas de piores. Em acréscimo, os abalos espirituais não cessaram: Nietzsche teve o último encontro com Richard Wagner e Cosima Wagner, o que o deixou bastante abalado. O fim de sua amizade, no entanto, não marcava definitivamente apenas um rompimento com Wagner, mas também com seu antigo mestre Schopenhauer. Sem a metafísica do artista de *O Nascimento da Tragédia*, sem o novo consolo que Wagner traria, Nietzsche se encontra num momento de rever suas bases conceituais e de encontrar uma nova maneira de encarar a vida. Em acréscimo a isso, Nietzsche recebe a triste notícia das mortes de seu colega Franz Dorotheus Gerlach, de sua avó Wilhelmine Oehler, e de seu querido professor Friedrich Ritschl³⁷. Em tais circunstâncias, não nos surpreende que Nietzsche tenha refletido bastante acerca da morte. Em meio aos rascunhos de Nietzsche, D'Iorio destaca as seguintes palavras de Spinoza: "O homem livre em nada pensa menos do que na morte, e seu saber não é uma meditação sobre a morte, mas sobre a vida"³⁸. Ao lado da morte, no entanto, também devemos abrir um espaço para o suicídio — não apenas devido à sua débil saúde e aos fragmentos do período, como veremos, mas também pelo contato com a obra *A Filosofia*

³⁵ JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: uma biografia, volume I: infância, juventude, os anos em Basileia*, p. 483.

³⁶ *Ibidem*, p. 495.

³⁷ *Ibidem*, p. 586.

³⁸ D'IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*, p. 15.

da Redenção, de Philip Mainländer³⁹, para o qual o suicídio, quando exercido conscientemente através do conhecimento da essência do mundo, seria apenas um meio “de realizar completa e conscientemente aquela finalidade, o nada absoluto para o qual no fim das contas o mundo inevitavelmente aponta”⁴⁰.

É nestas circunstâncias que Nietzsche faz duas anotações bastante próximas, embora com algumas nuances, defendendo tanto uma aceitação da morte quanto uma espécie de fatalismo. “De duas sensações ruins a filosofia pode gradualmente se libertar: primeiro, do temor do leito de morte, porque nada aí se deve temer, segundo, do arrependimento e do tormento da consciência do ato, porque cada ato era completamente inevitável”⁴¹. Para tanto, Nietzsche se volta contra o desconforto (*Unmuth*) sobre um ato, pois, em sua concepção, é ele que, ao acusar alguém pelo ato, promove a responsabilidade pela ação. “Porque existe desconforto, deve existir responsabilidade, portanto uma liberdade em algum lugar: assim Schopenhauer veio com o conceito de liberdade inteligível”. Mas como “o fato do desconforto não prova a racionalidade racional desse desconforto”, Nietzsche se opõe a Schopenhauer e reflete sobre a possibilidade de se desabituair do desconforto. Afinal, seria preciso, como “atitude filosófica”, um “fatalismo frio” em relação a tudo o que passou, para que a filosofia se libertasse daquelas duas sensações ruins.

No entanto, caso não houvesse desconforto, como consequência de uma “ação ruim torpe”, a atitude fria em relação ao passado “também teria arrancado o prazer no que foi feito”, pois “o agir dos homens é determinado pela antecipação do desprazer ou prazer a se adquirir”, sem a qual nenhuma sensação o deteria na ação ruim nem o conduziria ao ato bom. “Ele se tornaria em vista do que há de vir tão frio quanto em vista do que passou”. Assim, a mesma atitude filosófica que nos libertaria do medo da morte e do arrependimento e do tormento da consciência acarretaria ao menos duas graves consequências: com ela, “a moral teria retrocedido a uma doutrina utilitária” e seria preferível o suicídio⁴². Em outras palavras, sem a (falsa) ideia de liberdade e de responsabilidade poderia decorrer o suicídio. E por isso, segundo Nietzsche, é tão valorizado que a vida, como um todo, tenha efeitos da sensação (prazer ou desprazer). O que impede uma crítica ao conceito de liberdade, o que impede a adoção de uma nova postura filosófica, é precisamente suas consequências: “teme-se enfraquecer a crença no valor da vida e encorajar o prazer no suicídio”. “A vontade de vida se defende contra os desfechos da razão e tenta turvá-los: por isso a importância que se dá aos últimos instantes de vida no leito de morte como se aí ainda houvesse algo a se temer ou a esperar”.

Nietzsche não pode mais, no entanto, voltar atrás e prestar novamente homenagens a Schopenhauer. Perante essa nova atitude filosófica, ele não critica o suicida, mas a ética filosófica que, sem razão, se contrapõe à supressão (*Aufhebung*) da liberdade e da responsabilidade, pois, ao seu ver, “a filosofia não tem de se atentar

³⁹ Mainländer é citado não apenas na lista de livros que Nietzsche faz para Cosima Wagner (Carta de 21/23 de maio de 1876 a Cosima Wagner; KGB 2.5, p. 159-60), mas também indicado como autor do próximo livro a ser lido para Overbeck (Carta de 6 de dezembro de 1876 a Franz Overbeck; KGB 2.5, p. 202).

⁴⁰ RAMOS, Flamarion C. *O pessimismo e a questão social em Philipp Mainländer*, p. 42.

⁴¹ Fragmento Póstumo 19 [39] do outubro/dezembro de 1876; KGW 4.2, p. 435-436.

⁴² Fragmento Póstumo 20 [2] do inverno de 1876-1877; KGW 4.2, p. 456-457.

completamente nas consequências da verdade, mas apenas nela mesma”⁴³. Em outras palavras, uma ética filosófica, que descobriu a falsidade da liberdade e da responsabilidade, não poderia continuar se pautando em tais conceitos, receando as consequências da verdade que descobriu, pois é precisamente com a verdade que ela está comprometida, e não com as consequências de sua descoberta. Não nos surpreende, portanto, que Nietzsche retome isso em outras anotações do período: “A ética de toda religião pessimista consiste em subterfúgios diante do suicídio”⁴⁴; “Há apenas bases contra o suicídio individualmente. Forte medicina. Bases morais absolutamente não”⁴⁵; “Os filósofos acham ter comprovado a *vontade de vida*, a saber, por eles verem o horrível ou o inútil da vida e por não agarrarem o suicídio — mas a *descrição* deles da vida poderia ser *falsa*! —”⁴⁶. Assim, vemos em formação uma postura negativa menos em relação ao suicídio e mais em relação àqueles que se refugiam do suicídio através de uma deformação da realidade. Se pensarmos em sua própria condição, a problemática não giraria mais em torno de como evitar o suicídio, mas de se, nas atuais circunstâncias, seria adequado evitá-lo⁴⁷.

Com a saída de Rée e de Brenner da *pension allemande* em abril de 1877, Nietzsche decidiu antecipar o fim de sua estadia, deixando-a logo no começo de maio, retornado ao norte, porém, “com suas dores oculares e de cabeça, com a angústia de ter de retomar o ensino na Basileia e a impaciência por poder se consagrar à sua vocação filosófica”⁴⁸. No dia 13 de maio, descobrimos por meio de uma carta a von Meysenbug o estado quase suicida em que Nietzsche se encontrava durante uma viagem de navio:

em suma, hoje estou novamente na disposição de espírito do “alegre aleijado”, ao passo que no navio eu tinha pensamentos mais sombrios e, referente ao suicídio, ficava em dúvida apenas de onde o mar era mais profundo, para não ser imediatamente repescado e ainda ter de pagar como agradecimento aos meus salvadores uma pavorosa quantidade de ouro⁴⁹.

Em Gênova, segundo D’Iorio, Nietzsche anota em sua caderneta “palavras mais sombrias” do que aquelas contidas na carta enviada a sua amiga: “Anseio pela morte, como aquele que, tendo enjoo marítimo e vendo às primeiras horas da madrugada as luzes do porto, sente anseio pela terra”. Mas não nos chama a atenção apenas que Nietzsche desejou a morte, vale também destacar que lhe acompanham as reflexões decorrentes de seu rompimento com seus antigos mestres. Eis outra anotação destacada por D’Iorio: “Som de sino ao anoitecer em Gênova — melancólico, pavoroso, infantil.

⁴³ Fragmento Póstumo 19 [39] do outubro/dezembro de 1876; KGW 4.2, p. 436 e Fragmento Póstumo 20 [2] do inverno de 1876-1877; KGW 4.2, p. 457.

⁴⁴ Fragmento Póstumo 19 [41] do outubro/dezembro de 1876; KGW 4.2, p. 436.

⁴⁵ Fragmento Póstumo 21 [24] do fim de 1876/verão de 1877; KGW 4.2, p. 466.

⁴⁶ Fragmento Póstumo 23 [89] do fim de 1876/verão de 1877; KGW 4.2, p. 531.

⁴⁷ A título de completude, até o fim da viagem Nietzsche volta a colocar o “suicídio” em meio a outros temas de seu interesse (Fragmento Póstumo 19 [72] do outubro/dezembro de 1876; KGW 4.2, p. 443 e Fragmento Póstumo 19 [86] do outubro/dezembro de 1876; KGW 4.2, p. 446) e o relaciona de maneira breve ao autodesprezo: “A vaidade acompanha o autodesprezo — o valor mais elevado do suicídio” (Fragmento Póstumo 21 [5] do fim de 1876/verão de 1877; KGW 4.2, p. 465).

⁴⁸ D’IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*, p. 126.

⁴⁹ Carta de 13 de maio de 1877 a Malwida von Meysenbug; KGB 2.5, p. 235-238.

Platão: nada do que é mortal é digno de grande seriedade”⁵⁰. No lugar da metafísica do artista, floresce em Nietzsche um mundo meramente “demasiado humano”. Nessas circunstâncias, não seria inadequado considerar que Nietzsche se encontrava num ponto muito próximo daquele que desde o início de seu cargo como professor lhe chamava a atenção, a saber, o do “pessimismo prático”.

Após o término de sua viagem, Nietzsche retorna à Basileia, onde repassa suas anotações acima e escreve dois aforismos intitulados, respectivamente, *Desejo de morte* (*Sehnsucht nach dem Tode*) e *Tudo o que é humano* (*Alles Menschliches insgesamt*)⁵¹. Não apenas pelo sofrimento vivenciado, portanto, mas também pelas conclusões alcançadas, Nietzsche poderia ter posto fim a sua vida. No entanto, ele não apenas denega seu anseio suicida, como também formula, a partir de um mundo sem sentido, demasiado humano, uma maneira de viver que não presta homenagens ao pessimismo prático, mas que, pelo contrário, nos lança a uma filosofia vindoura. Na versão final de *Humano Demasiado Humano*, o aforismo sobre suicídio some e o outro é reformulado ainda algumas vezes e passa a ser intitulado *No entanto* (*Trotzdem*). Na leitura de D'Iorio:

Em vez de limitar-se a experimentar profundamente e a exprimir toda a angústia da depreciação do mundo, do erro, da morte, a angústia da condição humana ante a visão da eternidade temporal tal como havia sido imaginado por Platão, pelo cristianismo e através deles, por toda a tradição filosófica ocidental, Nietzsche destaca agora o desafio. Ele acrescenta um *trotzdem*: nada tem valor, tudo é vão, e no entanto... Destacar o desafio significa também renunciar ao suicídio, e isso explica por que a gênese do aforismo sobre a nostalgia da morte se interrompeu nesse momento preciso⁵².

Por fim, esse aforismo, intitulado agora como *Epílogo*, colocado na última parte do livro e concluído em dois travessões, é antecedido por dez outros aforismos, acrescentados somente na correção das provas, e, no último instante, é invertido de posição com o aforismo 628, perdendo sua posição final e sendo intitulado como *Seriedade no Jogo* (*Ernst im Spiele*). Tais mudanças teriam sido feitas, segundo D'Iorio, porque Nietzsche poderia assim dar “um caráter mais afirmativo ao final do livro” e terminá-lo “com a imagem do sino do meio-dia em vez daquela do anoitecer”⁵³.

3. Os “suicídios” em *Humano*: novas perspectivas

Embora em *Humano* já não seja mais o “pessimismo prático” o que ganha centralidade em relação à temática do “suicídio”, ainda podemos ver alguns de seus ecos, dando continuidade às reflexões de Nietzsche em Sorrento. No aforismo 33, Nietzsche retoma a necessidade de falsificação da vida: se o homem “vê, em tudo o que faz, a ausência de meta última dos homens, seu próprio atuar assume a seus olhos caráter

⁵⁰ D'IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*, p. 136.

⁵¹ Ibidem, p. 154-5. Cabe ressaltar que *Sehnsucht* poderia ser também traduzido, num sentido mais forte, por “anseio” ou mesmo por “nostalgia”, como aparecerá no final da próxima citação longa de D'Iorio, conforme a tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo.

⁵² Ibidem, p. 156.

⁵³ Ibidem, p. 159.

de desperdício” e, uma vez que apenas o poeta consegue se consolar deste sentimento, deve-se manter uma “impureza do pensar” para que se suporte viver⁵⁴. Mas, então, questiona Nietzsche no próximo aforismo, “se *poderia* permanecer consciente na inverdade? Ou, caso se *deva* fazê-lo, não se deveria preferir a morte?”⁵⁵. Trata-se novamente de pensar as consequências das verdades alcançadas. A questão não é tão simples, no entanto. O efeito posterior do conhecimento não decorre determinada e imediatamente do próprio conhecimento, pois esse só admite como motivos o proveitoso e o nocivo, o prazer e o desprazer, sendo esses determinados essencialmente por nossa inclinação, aversão e suas mediações injustas⁵⁶. Em outras palavras, entre o conhecimento e seu efeito há um elemento de mediação: o *temperamento* individual. Não se deve entender, com isso, no entanto, que tudo depende da autonomia do indivíduo. Como Nietzsche anotou previamente, ele se contrapõe, no aforismo 39, ao conceito de liberdade inteligível de Schopenhauer. Embora tenhamos sucessivamente tornado o homem “responsável por seus efeitos, depois por suas ações, depois por seus motivos e finalmente por seu próprio ser”, descobrimos que ele não pode ser responsável por nada, “na medida em que é inteiramente uma consequência necessária e se concretiza a partir dos elementos e influxos de coisas passadas e presentes”⁵⁷. Conseguir ou não conseguir viver consciente da inverdade, portanto, não é uma questão de escolha, mas de temperamento. É precisamente essa ênfase na força espiritual que distingue as considerações de Nietzsche sobre o suicídio em *Humano* e em *O Nascimento da Tragédia*, segundo Stellino⁵⁸. Do contato com a ausência de sentido da vida não precisaria decorrer necessariamente um pessimismo prático; há margem para desencadear um novo estilo de vida, em que não é mais preciso, na tentativa de impedir o suicídio, conservar a vida a todo custo.

Assim, nos deparamos tanto no primeiro quanto no segundo tomo de *Humano* com uma defesa de certo tipo de suicídio em contraposição à tentativa de sempre impedi-lo, empregada sobretudo pelas religiões⁵⁹. No aforismo 80 de *Humano*⁶⁰, Nietzsche se

⁵⁴ *Menschliches, Allzumenschliches: Erster Band* (KGW 4.2), §33, p. 48-49.

⁵⁵ *Ibidem*, §34 p. 49-50.

⁵⁶ *Ibidem*, §34 p. 50-51.

⁵⁷ *Ibidem*, §39, p. 61-62.

⁵⁸ STELLINO, Paolo. *Philosophical Perspectives on Suicide*, p. 163.

⁵⁹ Um tanto quanto inadequado seria negligenciar a base estoica de Nietzsche presente desde Pforta, uma vez que “uma das coisas que Nietzsche e os estoicos têm em comum é que eles apresentam as duas defesas mais entusiásticas do suicídio na história da filosofia”, como bem apontam e desenvolvem a temática Faustino e Stellino (FAUSTINO, Marta; STELLINO, Paolo. *Leaving Life at the Right Time: The Stoics and Nietzsche on Voluntary Death*, p. 472).

⁶⁰ Há outras passagens em que a temática do suicídio é abordada que, no entanto, são menos centrais para o argumento que Nietzsche há de desenvolver com o passar dos anos do que essa passagem em específico. No aforismo 61, Nietzsche cita o suicídio de Ajax e de Otelo e comenta, referindo-se sobretudo a Ajax, que se ele “tivesse deixado o sentimento esfriar por um dia apenas, seu suicídio já não lhe teria parecido necessário”, mas “o trágico na vida de grandes homens está, frequentemente, [...] na sua incapacidade de adiar por um ou dois anos a sua obra” (*Menschliches, Allzumenschliches: Erster Band*, §61; KGW 4.2). Aqui, como anota Nietzsche em 1877, o suicídio satisfaz precisamente “o superexcitado sentimento de honra” (Fragmento Póstumo 22 [60] da primavera/verão de 1877; KGW 4.2, p. 485). É a partir dessa mesma anotação que Nietzsche centra o final do aforismo no caso do duelo. Nele, ambos os duelistas devem não poder esperar: a vida de um deve significar a imediata morte do outro. “Em tal caso, esperar significaria sofrer por muito tempo ainda o horrendo martírio da honra ferida, diante de quem a feriu; o que pode constituir mais sofrimento do que o que vale a própria vida” (*Menschliches, Allzumenschliches: Erster Band*, §61; KGW 4.2). No aforismo 88, Nietzsche reflete sobre a crueldade da vida: “Há um direito segundo o qual podemos tirar

questiona se seria mais louvável para o homem envelhecido que sente a redução de suas forças cometer suicídio, tal como recomendariam certos gregos e romanos, ou esperar pela morte, tal como recomendariam as religiões. Considerando o primeiro caso como racional, Nietzsche não apenas defende o suicídio como fruto de um processo de reflexão para tais casos, mas também critica a falsa insinuação das religiões de que, por se oporem ao suicídio, seriam enamoradas da vida⁶¹. Em certo sentido, essa mesma temática, de maneira ainda mais elaborada, reaparece no aforismo 185 de *O Andarilho e sua Sombra*⁶². Nesse aforismo, que já recebe muito mais atenção pelos pesquisadores⁶³, Nietzsche se concentra, sobretudo, em realizar uma crítica à perspectiva cristã do suicídio. Considerando a morte natural, involuntária, como suicídio da natureza, que fora da maneira religiosa de pensar não vale nenhuma glorificação, Nietzsche se posiciona ao lado da morte racional, pertencente à moral do futuro e realizada quando se conclui sua obra (tarefa)⁶⁴. Resgatando algumas de suas antigas anotações e dando continuidade àquelas de sua viagem a Sorrento, Nietzsche não deixa de se opor ao pessimismo prático, mas, junto à possibilidade de viver num mundo demasiado humano, adota uma nova postura diante do suicídio: muito mais preferível do que conservar a vida a todo custo, mantendo um pensamento inexato e receando as consequências de encarar a realidade, é poder racionalmente pôr fim à própria vida quando se finaliza sua tarefa, quando não se tem mais motivos e condições para se prender à vida. Através das próprias experiências e reflexões durante a viagem a Sorrento, Nietzsche contrapõe ao pessimismo prático não o aguardar a morte natural, mas o saber oportunamente dispor de sua morte.

Considerações Finais

Embora em suas anotações Nietzsche tenha refletido sobre o suicídio sob outras perspectivas para além do campo estético e em relação à antiguidade grega, sua atenção

a vida de um homem, mas nenhum direito que nos permita lhe tirar a morte: isso é pura crueldade" (*Menschliches, Allzumenschliches: Erster Band*, §80; KGW 4.2). Por fim, no aforismo 322, Nietzsche põe sua ênfase nos familiares que ficam: "Os familiares de uma suicida não lhe perdoam não ter ficado vivo em consideração ao nome da família" (*Menschliches, Allzumenschliches: Erster Band*, §322; KGW 4.2).

⁶¹ *Menschliches, Allzumenschliches: Erster Band* (KGW 4.2), 1967, 80.

⁶² Assim como no primeiro tomo, no segundo também há outros aforismos em que a temática do "suicídio" aparece, os quais, embora sejam interessantes, abrem margem para outras questões que fogem do escopo deste artigo: trata-se dos aforismos 33 e 94 de *Opiniões e Sentenças Diversas* (*Menschliches, Allzumenschliches: Zweiter Band* (KGW 4.3), "Vermischte Meinungen und Sprüche", §§33 e 94, p. 31-32 e p. 50). No aforismo 33, o suicídio aparece relacionado à temática do livre-arbítrio, com o qual "pode acusar, condenar, expiar e pagar" e considerar a história universal como "culpa, autocondenação, suicídio". Já no aforismo 94, Nietzsche defende que a morte de Sócrates e de Cristo, os dois maiores assassinatos legais da história do mundo, teriam sido "suicídios mascarados e bem mascarados". Em ambos os casos, "a pessoa *quis* morrer", mas, ao invés de suicidar-se diretamente, "fez com que a mão da injustiça humana lhe introduzisse a espada no peito". A figura de Sócrates e de Jesus são aqui centrais, pois "[n]a história da cultura europeia a concepção metafísica da morte se enraíza em parte na filosofia grega, em parte na religião cristã", cuja paradigmática maneira de morrer "Nietzsche quer sobretudo combater e tirar o crédito" (JUHÁSZ, Anikó; CSEJTEL, Dezső. *Überlegungen zu Nietzsches Todesverständnis*, p. 296).

⁶³ Conferir SOMMER, Andreas. *Das Sterben denken. Zur Möglichkeit einer ars moriendi nach Nietzsche und Elias*; WIENAND, Isabelle; et al. *How Should One Die? Nietzsche's Contribution to the Issue of Suicide in Medical Ethics*; STELLINO, Paolo. *Philosophical Perspectives on Suicide*.

⁶⁴ *Menschliches, Allzumenschliches: Zweiter Band* (KGW 4.3), "Der Wanderer und sein Schatten", §185.

se volta, em suas obras publicadas e em seus escritos póstumos até sua licença da universidade, sobretudo à noção de pessimismo prático, contra o qual, para conservar sua existência, o homem teve de se munir com alguma arma artística: o mundo olímpico, a tragédia ou a ciência. Em meio às complicações de sua saúde e às novas reflexões em que se encontrava durante a viagem a Sorrento, a perspectiva de Nietzsche quanto ao suicídio sofre algumas alterações: em vez de concentrar sua atenção em como o teórico alexandrino, temendo o pessimismo prático, refugia-se desesperadamente no trabalho incessante, Nietzsche questiona se de fato esse movimento de refúgio seria preferível ao suicídio. Diante de um mundo demasiado humano, em que o temperamento individual, não a liberdade, define a (im)possibilidade de viver consciente da inverdade em que se coloca a vida a fim de suportá-la, a questão não é mais de como evitar o suicídio enquanto pessimismo prático, mas de, na contramão de uma tentativa de conservar a vida a todo custo, aprender a dispor oportunamente da própria morte. Foi quando Nietzsche esteve mais próximo do suicídio que ele não apenas o confrontou com uma nova postura, mas o fez de tal maneira que, em vez de simplesmente promover um desesperado apego à vida como reação, nos lançou a uma filosofia da manhã, na qual há espaço para que o suicídio expresse não mais negação, mas afirmação da vida.

Referências Bibliográficas

- D'IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- FAUSTINO, Marta; STELLINO, Paolo. Leaving Life at the Right Time: The Stoics and Nietzsche on Voluntary Death. In: *Epoché: A Journal for the History of Philosophy*, v. 26, n.1, p. 89-107, 2021.
- NIETZSCHE, F. W. Briefe von Friedrich Nietzsche September 1864 – April 1869. In: *Nietzsche Briefwechsel*. Kritische Gesamtausgabe (KGB). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Zweite Abteilung, fünfter Band (1.2). Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1975.
- NIETZSCHE, F. W. Briefe von Friedrich Nietzsche Januar 1875 - Dezember 1879. In: *Nietzsche Briefwechsel*. Kritische Gesamtausgabe (KGB). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Zweite Abteilung, fünfter Band (2.5). Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1980.
- NIETZSCHE, F. W. Die Geburt der Tragödie. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, erster Band (3.1). Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1972.
- NIETZSCHE, F. W. Fünf Vorreden zu fünf ungeschriebenen Büchern. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, zweiter Band (3.2). Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1973.
- NIETZSCHE, F. W. Menschliches, Allzumenschliches. Erster Band. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino

- Montinari. Vierte Abteilung, zweiter Band (4.2). Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1967.
- NIETZSCHE, F. W. Menschliches, Allzumenschliches. Zweiter Band. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Vierte Abteilung, dritter Band (4.3). Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1967.
- NIETZSCHE, F. W. Nachgelassene Fragmente, 1876 bis Winter 1877-1878. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Vierte Abteilung, zweiter Band (4.2). Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1967.
- NIETZSCHE, F. W. Nachgelassene Fragmente Anfang 1875 - Frühling 1876. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Vierte Abteilung, erster Band (4.1). Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1967.
- NIETZSCHE, F. W. Nachgelassene Fragmente Sommer 1872 - Ende 1874. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, dritter Band (3.4). Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1978.
- NIETZSCHE, F. W. Nachgelassene Fragmente Herbst 1869 - Herbst 1872. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, dritter Band (3.3). Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1978.
- NIETZSCHE, F. W. Ueber die Zukunft unserer Bildungsanstalten. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, zweiter Band (3.2). Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1973.
- NIETZSCHE, F. W. Ueber Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, zweiter Band (3.2). Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1973.
- NIETZSCHE, F. W. Unzeitgemässe Betrachtungen I: David Strauss der Bekenner und der Schriftsteller. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, erster Band (3.1). Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1972.
- NIETZSCHE, F. W. Unzeitgemässe Betrachtungen II: Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, erster Band (3.1). Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1972.
- NIETZSCHE, F. W. Unzeitgemässe Betrachtungen III: Schopenhauer als Erzieher. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, erster Band (3.1). Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1972.
- NIETZSCHE, F. W. Unzeitgemässe Betrachtungen IV: Richard Wagner in Bayreuth. In: *Nietzsche Werke*. Kritische Gesamtausgabe (KGW). Herausgegeben von Giorgio

- Colli und Mazzino Montinari. Vierte Abteilung, erster Band (4.1). Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1967.
- JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: uma biografia, volume I: infância, juventude, os anos em Basileia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- JUHÁSZ, Anikó; CSEJTEI, Dezső. "Überlegungen zu Nietzsches Todesverständnis". In: *Nietzscheforschung (Band 12): Bildung – Humanitas – Zukunft bei Nietzsche*. Berlin: Akademie Verlag, 2005.
- RAMOS, Flamarion C. "O pessimismo e a questão social em Philipp Mainländer". In: *Cadernos de Filosofia Alemã*, n. 10, p. 35 - 50, 2007.
- SOMMER, Andreas Urs. "Das Sterben denken. Zur Möglichkeit einer *ars moriendi* nach Nietzsche und Elias". In: *Zur Genealogie des Zivilisationsprozesses: Friedrich Nietzsche und Norbert Elias*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, p. 159-174, 2010.
- STELLINO, Paolo. *Philosophical Perspectives on Suicide*. Cham, Suíça: Palgrave Macmillan, 2020.
- WIENAND, Isabelle *et al.* "How Should One Die? Nietzsche's Contribution to the Issue of Suicide in Medical Ethics". In: *Contemporary Debates in Bioethics*. Emilian Mihailov, Tenzin Wangmo, Victoria Federiuc, Bernice Elger (Eds). Berlin, Sciendo, p. 160-168, 2018.
-

Recebido / Received: 06/06/2025
Aprovado / Approved: 23/06/2025